

Quem esqueceu as mulheres?

*Excavating Women: a history of women in European archaeology**

Irina Podgorny**

Este volume, produto da seção sobre “Mujeres en la arqueología europea”, realizado em Durham, em 1993 no *Encontro Anual do TAG* (Theoretical Archaeology Group), é apresentado por Margarita Díaz Andreu e Mary Louise Stig Sørensen, organizadoras do evento e apresentadoras deste livro, como um aporte à história intelectual da arqueologia baseadas em

the need to understand the disciplinary integration of women, to appreciate the varying socio-political contexts of their work, to reveal the unique tension between their roles as women and their academic lives. (p.1)

As editoras estruturam o livro em duas partes precedidas por uma introdução geral. A parte I (“General perspectives on the history of women in European archaeology”), composta de seis capítulos, faz uma análise sociológica; nos sete capítulos da segunda predominam a biografia (“History through the individual”). O livro inclui estudos de casos organizados segundo os seguintes países: França, Suécia, Dinamarca, Noruega,

* DÍAZ-ANDREU, Margarita e SØRENSEN Mary Louise Stig. London, Routledge, 1998, 320pp. Ilustraciones, bibliografía, índice, ISBN 0-415-15760-9 hardback. Publicada originalmente em *Trabajos de Prehistoria*, 56, 1, 1999. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, Departamento de Prehistoria, Madrid, España. *Cadernos Pagu* agradecem a autorização da autora e da revista para publicar esta resenha. (Tradução: Iara Beleli; Revisão: Maria Margaret Lopes.)

** Depto. científico de Arqueología del Museo de La Plata. UNLP/CONICET; ipodgo@isis.unlp.edu.ar

Quem esqueceu as mulheres?

Espanha, Grécia, Alemanha (Universidad de Tübingen), antiga Alemanha Democrática, Polónia, Grã Bretanha, um capítulo sobre a arqueologia de Creta (o único – juntamente com o elogio de Gimbutas – que a autora não compartilha a nacionalidade com o caso estudado. Tampouco compartilham nacionalidades, Harriet Boyd, o tema e o campo trabalhado. A contribuição de Marina Picazo, talvez a única a traçar conexões entre gênero e interpretação) e um capítulo final com um balanço – como um elogio – da obra de M. Gimbutas. A introdução resume o papel das mulheres na arqueologia europeia em relação ao processo de institucionalização desta ciência e o surgimento dos Estados nacionais.

A primeira parte, de maneira geral, é uma tentativa de fazer uma sociologia do trabalho, referente à arqueologia e ao número de mulheres presentes nas instituições que abrigam a prática da arqueologia nos países analisados. Nestes capítulos, as estatísticas são abundantes, ainda que contrastem com o estilo mais ensaístico do capítulo 3 sobre a França (“Archaeology of French Women and French Women in Archaeology”) e, por outro lado, aqueles dedicados à Noruega (C.5 – “Women Archaeologists in Retrospect. The Norwegian case”) e à Espanha (C.6 – “Spanish Women in a Changing World”), que apresentam exaustivos dados estatísticos e muito pormenorizados.¹

O primeiro, de fato, adota o caráter de ensaio interpretativo sobre a cultura francesa, explicando a não existência dos *gender studies* e a quantidade de mulheres acadêmicas neste país. Ainda assim, sublinhamos que o capítulo 5, que, ao mostrar a alta proporção de mulheres empregadas nas instituições que definem

¹ Por isso, chama a atenção o comentário de Díaz-Andreu sobre o assédio sexual na Espanha (p.137). Entretanto, o capítulo traz estatísticas, fontes de arquivo e dados muito precisos. Em tom de denúncia, o parágrafo ao qual me refiro contrasta pela falta de nomes e referências concretas, assim como pelo caráter de testemunho pessoal, onde a autora se assume como autoridade para dar veracidade ao que é apresentado como histórias (rumores) do passado e experiências por ela vividas.

o cenário da política da arqueologia na Noruega, nos defronta com a reflexão de suas autoras: mais mulheres não significava uma arqueologia essencialmente diferente.

Quanto à segunda parte, gostaria de comentar que o problema da biografia dos cientistas é algo bastante polêmico no marco da história das ciências.² Entretanto, tendências recentes têm começado a analisar as biografias como um gênero que possui marcas do estado da ciência nos períodos em que são escritas e, nesse sentido, são consideradas como uma fonte e também um objeto de estudo em si mesmo. Sobre isso, destacamos os comentários metodológicos de várias autoras. Em geral, as biografias deste volume tomam como fonte outras biografias (em muitos casos, necrológicas), mas poucas fontes primárias. As referências a documentos inéditos são escassas: ao trabalhar com biografias, estes tipos de fontes, sejam diários ou cartas, são de valor indiscutível para, pelo menos, entrever o mundo privado e as redes nas quais este mundo faz sentido. As entrevistas com arqueólogas de outras gerações aparecem nos capítulos de Díaz-Andreu e de Kästner *et alii* (capítulo 13). Neste último, as autoras refletem sobre seus próprios julgamentos: ao contrário de um esperado discurso de vítimas, as mulheres entrevistadas se apresentaram como pares de seus colegas homens e as decisões apareciam como resultado de suas próprias convicções.

Por outro lado, a confrontação dos documentos com as entrevistas – como ocorre no capítulo 13 –, seguramente, daria uma visão mais complexa do que àquela que surge de uma análise das fontes secundárias. Assim, a história da arqueologia – ou de quaisquer ciências – mostraria que os conflitos entre a vida

² Sobre o estado da arte até fins da década de 80, consulte TATON, René. Las biografías científicas y su importancia en la historia de las ciencias. In: LAFUENTE, Antonio y SALDAÑA, Juan J. (coord.) *Historia de las ciencias*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, pp.73-85.

Quem esqueceu as mulheres?

profissional e privada não são exclusivos das mulheres profissionais.³

Escrever a história dos grupos excluídos das tradições historiográficas, em muitos casos, pode levar à idealização dos sujeitos excluídos. Portanto, não é estranho que apareçam figuras como a pioneira, a inovadora, a "adiantada ao seu tempo". Em alguns capítulos se cobra das mulheres, cujas vidas estão sendo resenhadas, sua postura ambígua ou a não proposição de visões diferentes às de seus colegas homens (capítulo 8 – "Archaeology, Gender and Emancipation. The paradox of Hanna Rydh" e capítulo 11 – "The State of Denmark. Lis Jakobsen and other women in and around archaeology"). Temo que essa visão historiográfica seja empobrecedora, não só para a historiografia de mulheres, mas também do ponto de vista intelectual. Essas considerações devem ser analisadas em seu contexto intelectual e em função das possibilidades que dispunham homens e mulheres. É preciso lembrar que no período analisado, a ciência era percebida basicamente como única, as diferentes visões, de gênero e etnia não tinham lugar. Entretanto, a análise do visível e do invisível (capítulo 9 – "Women in British Archaeology. Visible and Invisible"), ao refugiar-se no desvio androcêntrico como recurso explicativo, reforça, portanto, o visível.

Por outro lado, chama a atenção, neste volume, a falta de bibliografia procedente do campo da história das ciências que, além abundante, já conta com certa tradição. Tais referências não aparecem nem na bibliografia dos autores, nem das compiladoras, mesmo que as obras de referência estejam centradas nos estudos

³ Nos arquivos das instituições abundam as cartas de cientistas homens com conflitos familiares, que marcam suas biografias acadêmicas. Por exemplo, aqueles que emigraram por razões profissionais, frequentemente testemunham que regressam a seus países de origem em situações menos vantajosas, devido à não adaptação de suas famílias nos países que os recebem. É claro que esses motivos podem não ser verdadeiros, mas o desafio está na crítica histórica dos testemunhos, sejam de homens ou de mulheres.

sobre "gênero" realizados no marco da arqueologia anglosaxã.⁴ Entretanto, esse marco contrasta, especialmente, com o de Allison Wylie, que engloba parte de seus projetos em revisões epistemológicas – ligadas à história das ciências – sobre a construção da evidência.⁵

A seleção de autores (exceto o capítulo final de John Chapman, todos foram escritos por mulheres) parece estar baseada na hipótese esboçada na introdução: os arqueólogos homens somente podem escrever histórias androcêntricas.⁶ Por outro lado, o único homem do volume é quem se atreve a fazer uma relação direta entre uma "biografia feminina" e um resultado intelectual: John Chapman afirma que o interesse de Marija Gimbutas nos símbolos de fertilidade coincide com sua provável entrada na menopausa. Esta relação surge a partir de um cálculo de sua idade quando publicou esta obra e parece evocar certas idéias sobre quando "deve ocorrer" a, e os efeitos da, menopausa na mulher. Essa afirmação, que busca explicações nos processos biológicos, parece contradizer as idéias do autor sobre a constituição do "indivíduo" pela cultura e os atos da linguagem.⁷ É lamentável que as editoras não comentem esta afirmação enraizada na biologia da mulher, assim como algumas tensões surgidas entre os capítulos. No capítulo 10 – “Fieldwork is not the proper preserve of a lady. The first women archaeologist in Crete”

⁴ Conkey, Spector, Gero e Wylie. cf. Capítulo 2 “Rescue and Recovery. On historiographies of female archaeologists”.

⁵ WYLIE, Allison. The Constitution of Archaeological evidence: Gender, Politics and Science. In: GALISON, Peter e STUMP, D. J. *The disunity of Science. Boundaries, Contexts, and Power*. Stanford University Press, 1996, pp.311-343.

⁶ “The histories of archaeology have broadly: accepted and spread a perception of archeology as being male-centred, both intellectually and in practice. These accounts, written by male archaeologists such as Glyn Daniel (1975), Alain Schnapp (1993) and Bruce Trigger (1989), are **inevitably androcentric**”. ênfase minha.)

⁷ “Authors’ are not more autonomous in their cultural work than is the language in which they write” (p.295)

Quem esqueceu as mulheres?

– se afirma que a inserção das mulheres nas práticas da arqueologia se deve a redes de solidariedade intra-femininas, enquanto que o capítulo 8 (sobre a Suécia) mostra que estas redes eram compostas por homens e mulheres.

Outro aspecto é o problema da unidade das ciências, latente em todo o livro. Assim, mesmo ao escrever "as histórias", no plural, a arqueologia se mantém sempre no singular. Algumas posturas sobre a arqueologia chegariam a estabelecer que o plural seria desejável, inclusive para esta ciência, e as desaprovações feitas às mulheres visíveis neste livro, parecem indicar que algumas autoras são partidárias destes enfoques.

O livro, compilado por Díaz-Andreu e Stig Sørensen, inicia com a pergunta sobre "o que é esquecido", referindo-se ao silêncio reinante sobre as mulheres na história da arqueologia. O capítulo escrito por uma delas – "Rescue and Recovery. On historiographies of female archaeologists" – inicia com uma epígrafe que traz a surpresa contemporânea ante a importância dos movimentos feministas e suas publicações no início do século. Essa surpresa remete a outro aspecto e a outra pergunta, que se refere à memória seletiva: quem esqueceu as mulheres e os movimentos políticos nos quais algumas participaram? As diferentes correntes do pensamento político e intelectual não conservam as mesmas genealogias e as disciplinas do conhecimento têm fechado seus discursos em torno de referências que, dificilmente, cruzam fronteiras. Esta surpresa parece indicar, por outro lado, a especificidade com que se constituíram os campos acadêmicos, de maneira que a história contemporânea tenha ficado sepultada para quem não trabalha sobre ela.